

Abordagem Centrada na Pessoa: Pontos de Abertura e Visão Holística da Realidade

Carmen Lúcia Brito Tavares Barreto

"A bela simplicidade da ciência desvaneceu-se em uma 'ciência da complexidade' parecida com os modos de ver a realidade, dos místicos orientais, ao invés de ser uma mecânica newtoniana".

Carl Rogers

E stamos cientes da importância de não renegar as bases objetivas da ciência moderna do século XX; elas apresentam e desempenham uma inestimável importância no processo de desenvolvimento do conhecimento. Devemos, no entanto, ficar atentos ao dano que podem causar, quando são tomadas como um fim em si mesmas, quando reivindicam para si o privilégio de construir a única maneira adequada para apreender a realidade, eliminando outras formas de compreensão, não reconhecendo novas dimensões do conhecimento.

Capra ressalta que a ciência moderna se fundamenta em um paradigma mecanicista que enfatiza os seguintes conceitos: espaço e tempo como realidades absolutas; a existência de uma força fundamental distinta da matéria; a presença de leis fundamentais e a descrição dos fenômenos em termos de relações quantitativas; a presença de um rigoroso determinismo e da possibilidade de uma descrição objetiva dos fenômenos naturais, alicerçada na dualidade cartesiana matéria-mente¹.

Percebemos, nessa perspectiva, uma acentuada ênfase no objetivismo, em detrimento de uma ordem subjetiva. A preocupação com uma perspectiva subjetiva da realidade, por meio de uma visão da pessoa-indivíduo, já era apresentada na teoria psicológica de Rogers ao afirmar:

"Ainda que eu dê conta da possibilidade da existência da verdade objetiva, dou-me conta, igualmente, de que não poderei jamais conhecê-la plenamente. Disto se conclui que o que se considera geralmente como conhecimento científico não existe. Há apenas percepções individuais daquilo que parece, a cada um de nós, representar essa espécie de conhecimento².

Neste momento da teoria rogeriana, percebemos claramente um redirecionamento da sua orientação. Nela a ênfase da técnica e da experimentação vai, de modo gradativo, sendo ampliada para uma preocupação com a atitude na relação terapêutica, em especial com a orientação filosófica que respalda esta atitude, passando, portanto de uma postura mais objetiva para uma visão subjetiva da realidade.

Posteriormente, Rogers amplia essa visão subjetiva da relação para uma perspectiva mais abrangente. Tal perspectiva inclui um desenvolvimento mais pleno da consciência, que participaria de uma tendência formativa, mais ampla e criativa. Nesse contexto, a relação transcende a si mesma e se torna parte de algo maior, com um movimento que se aproxima de uma experiência transcendente de unidade.

A tendência a enfatizar uma postura que ressalta conceitos de não-separatividade, de correlação, de teia de interconexão cósmica, de um todo matéria-mente, de uma unidade observador-objeto, do holograma, demonstra categoricamente que o homem faz parte do universo e sobre este pode agir. Portanto, estamos diante de um novo paradigma destinado a reorientar e revalorar a consciência da idade pós-moderna, delineando uma realidade onde o sólido é ficção e o elemento inexistente, e enfocando um campo espacial de energia e consciência povoado de evento interconectados.

Este novo paradigma, denominado Holístico, já está despontando, de alguma forma, nas diversas áreas de conhecimento. Na psicologia, especificamente, acreditamos que a Abordagem Centrada na Pessoa apresenta pontos importantes de abertura e direcionamento para uma visão holística da realidade.

É dentro dessa perspectiva que desenvolvemos nosso trabalho: de início, uma apresentação geral do paradigma holístico onde enfocamos conceitos desenvolvidos por Fritjof Capra e David Bohm na física e por Karl Pribram, na

neurocirurgia. Posteriormente, apresentamos a orientação desenvolvida por Carl Rogers nos anos 80 e evidenciamos alguns aspectos que, de acordo com a nossa perspectiva, apresentam uma visão gradativamente holística, culminando com uma perspectiva evolutiva da consciência e do universo.

Este trabalho representa uma necessidade pessoal de integrar conhecimentos, possibilitando uma melhor sistematização com fins a uma interiorização de um novo paradigma, de uma nova orientação diante da realidade.

Assumir esta nova orientação significa redirecionar pensamentos e explicações e representa um sistema de aprender a aprender que vai determinar o processo de aprendizagem futuro. Representa a necessidade de um efetivo desenvolvimento da atenção com vistas à transformação, já que acreditamos que, na perspectiva holística, não podemos fazer uma imagem mental-perceptual daquilo que na realidade é transmental, como afirma Ken Wilber³.

Como se trata de um primeiro momento numa linha de reflexão, optamos por focar a Teoria desenvolvida por Carl Rogers, apesar de reconhecer que Maria Bowen, Antonio Monteiro dos Santos, John Wood e outros apresentam contribuições importantes para a Abordagem Centrada na Pessoa numa perspectiva holística de interconexão no Universo e na Psicoterapia.

O Paradigma Holístico: Surgimento e Principais Influências

"Universo não se parece mais com uma grande máquina, assemelha-se muito mais a uma grande idéia".

Carl Rogers

O paradigma holístico, segundo Capra, surge como uma resposta à crise global da consciência humana, dividida e exilada de *Holos* (todo), e sustenta o substrato de uma verdadeira mutação de consciência que transcorre atualmente, nas mais diversas localidades do globo terrestre⁴. Representa, em última instância, o surpreendente encontro entre ciência e consciência.

A descoberta de um novo paradigma se inicia com a consciência da anomalia ou do fracasso das regras consensuais existentes. Isto representa uma reorientação da percepção do mundo.

O paradigma holístico instalou-se, de maneira progressiva, como reação a um paradigma substancialista e mecanicista que orientou a ciência moderna e

que se caracteriza por uma visão cartesiana-newtoniana com tendência à quantificação, previsibilidade, controle e neutralidade. Nessa visão mecanicista, o modo de conhecimento do mundo é OBJETIVO, orientado pelo método de investigação empírico-indutivo de Bacon, pelo raciocínio analítico-dedutivo de Descartes e pela Física Clássica de Newton. Tal perspectiva trouxe um espetacular progresso tecnológico, mas deixou um tenebroso legado, traduzido por uma atitude fragmentada, com grande ênfase nas especializações.

A fragmentação tende a ocultar as contradições, enfatiza aspectos tecnicistas, e nos faz perder de vista questões epistemológicas básicas como: Para quê? A serviço de quem? Traz também uma visão dogmática do poder, onde a verdade é a ciência objetiva que exclui toda ação subjetiva do homem. Nessa visão, a parte toma o lugar do todo, dando a impressão do domínio da verdade; a ciência é a realidade e confunde-se ser com pensar.

Toda essa orientação paradigmática levou a uma situação de crise em todas as instituições, com o desmoronamento de governos, valores, sistemas etc. Rogers afirma que "existem evidências para acreditar que estamos envolvidos nas aflições do nascimento de uma nova era". Para ele, "esta situação de colapso se deve à necessidade da conscientização da mudança de paradigma"⁵.

Portanto, percebe-se que, gradativamente, vai surgindo uma nova visão, um novo esquema modelar para a descrição, explicação e compreensão da realidade, que enfatiza o monismo e a interatividade. O novo paradigma não mais aceita uma visão dualista e determinista e enfatiza uma visão probabilista, derrubando o clássico conceito mecanicista de um mundo determinado à maneira do comportamento simples e linear de uma bola de bilhar.

A visão holística busca dissolver toda espécie de reducionismo: o científico, o somático, o religioso, o materialista, o racionalista, o mecanicista e o antropocêntrico. Surge diante da premência de nosso tempo caótico, caracterizado pela violência, com desequilíbrio do ecossistema, buscando, em última análise, **lançar pontes** sobre todas as fronteiras que fragmentam o conhecimento.

Capra postula que "a crença de que todos esses fragmentos -em nós mesmos, em nosso ambiente e em nossa sociedade - podem ser encarados como a razão essencial para a atual série de crises sociais, ecológicas e culturais"⁶.

Diante de todas as evidências, fica claro que é necessária a ampliação da visão cartesiana e mecanicista do mundo, iniciada nas mais diferentes áreas de conhecimento. Isso mostra uma ciência que supera a fragmentação e nos leva de volta à idéia da unidade, já expressa na Grécia Antiga e também presente nas

filosofias orientais, segundo Capra.

A física, que teve grande influência na visão determinista do mundo, também apresentou elementos para o resgate da **unicidade**, principalmente, com o advento da física atômica e da teoria da relatividade. A teoria da relatividade desenvolvida por Einstein desencadeou duas tendências revolucionárias do pensamento: uma foi a teoria da relatividade e a outra, uma nova maneira de conceber a radiação eletromagnética, que viria a ser a característica essencial da física quântica, desenvolvida vinte anos mais tarde por um grupo de físicos.

Os conceitos da física quântica não foram de fácil aceitação. Demonstraram que as partículas de átomos, em vez de serem sólidas e indestrutíveis, apresentavam um aspecto dual, aparecendo, às vezes, como partículas, às vezes, como ondas.

Tal constatação trouxe mudanças revolucionárias no conceito de matéria, pois, no mundo subatômico, não se pode afirmar que a matéria exista, com certeza, em lugares definidos, mas sim, que ela apresenta **tendências a existir** e que os eventos que substituem a noção de elementos da física newtoniana não ocorrem, com certeza, em momentos e direção definidos e sim que apresentam **tendências a ocorrer**. Essa teoria derruba os conceitos clássicos de objetos sólidos e de leis deterministas da natureza; apresenta como resposta padrões de probabilidades semelhantes às ondas, caracterizados por uma visão interacionista na qual as entidades isoladas não possuem significados.

Diante das evidências, a física quântica apresenta a visão do universo como uma **Unidade Básica**, onde a natureza se expressa não através de blocos isolados, e sim como uma complicada teia de relações entre as diversas partes do todo. As relações incluem o observador humano, que seria um elo na cadeia de processos, onde a observação só pode ser compreendida em termos de interação entre o objeto e o observador. Não podemos falar da natureza, sem falarmos em nós mesmos.

Assim, estamos diante de uma nova visão de mundo, um novo paradigma, que, de acordo com Capra, tem muitos pontos em comum com a visão oriental da realidade, enfatizando a unidade, a inter-relação de todos os fenômenos e a natureza intrinsecamente dinâmica do Universo.

Dentro dessa visão, onde cada evento de um campo reflete e contém todas as dimensões do campo, utiliza-se como metáfora o **Holograma**. Isso implica numa afirmação de que o Universo se comporta com um holograma, onde o todo se encontra em todas as partes e o microcosmo reproduz o macrocosmo. A pers-

pectiva holográfica que enfatiza um sistema aberto, foi delineada pela biologia e pela física, respectivamente, pelo neurocientista Karl Pribram e pelo físico David Bohm.

Pribram desenvolveu uma abordagem quântica da ação cerebral que utiliza o modelo holográfico e fez a junção de suas pesquisas com as desenvolvidas na física por Bohm. Considerou o holograma como um modelo da maneira como o cérebro armazena memória. Dentro desta perspectiva afirma que: "talvez o cérebro lide com interações, interpretando frequências e armazenando a imagem como o holograma, de modo que, essa imagem não ficaria localizada, mas dispersa por todo o cérebro"⁷. Assim, o cérebro armazena as informações em toda a sua extensão e não em um ponto determinado, onde cada parte do cérebro reconstruirá a imagem inteira.

Em 1971, Pribram ampliou a sua noção holográfica do cérebro para uma noção de natureza da realidade holográfica, encontrando, nas idéias de David Bohm, a fundamentação física de que necessitava. Bohm afirma que o mundo é dinâmico como um caleidoscópio; é uma ilusão pensar num mundo estável, visível ou audível, a concretude é uma ilusão.

Para Bohm, o que percebemos é a ordem explícita ou desdobrada das coisas. Ele afirma que existe uma ordem implicada ou dobrada, que representaria a ordem primária do universo. Desse modo, o nosso ato de objetivar altera aquilo que esperamos encontrar. Atingimos a ordem explícita dos fenômenos e nos afastamos da sua verdadeira natureza que só se encontraria numa outra dimensão.

Pribram encontrou, no posicionamento de Bohm, a fundamentação necessária para sua visão holográfica do cérebro, afirmando: "talvez a realidade não seja aquilo que vemos com os olhos"⁸. Acreditava que a matemática utilizada pelo cérebro para decifrar objetos a partir de frequências, transformando-as em sons, cores, sensações cinestésicas, cheiros e sabores, nos afasta do contato com a ordem implicada, onde predomina um mundo organizado no domínio das frequências. Portanto, o nosso modo de percepção normal (restritivo-reducionista) nos afasta de entrarmos em sintonia com a fonte ou a matriz da realidade.

Pribram, ao sistematizar sua teoria fundamentando-se na teoria de Bohm, chega a evidenciar que os fenômenos psíquicos nada mais são do que subprodutos da matriz simultânea-onipresente. Ampliando seu conceito holográfico, afirma que os cérebros individuais são pequenos pedaços de holograma maior e têm acesso a todas as informações encontradas no sistema cibernético total.

Ele reconhece, ainda, que o referido modelo não é fácil de ser assimilado, pois subverte radicalmente velhos sistemas de crenças, derrubando paradigmas que sustentaram o conhecimento por muitas décadas.

Todo o caminho desde Capra, passando por Pribram e Bohm, nos leva a um reconhecimento de que um novo paradigma se consolida gradativamente; resgata a idéia de unidade, de um mundo multidimensional, onde as coisas não ocorrem em seqüência, mas ao mesmo tempo. Essa visão aboliu a noção de objetos fundamentalmente separados, introduziu o conceito de participante em lugar de observador e considera necessário enfatizar o processo de evolução da consciência.

Com relação a este último aspecto, consideramos implícita na teoria holográfica, a suposição de que os estados de consciência harmônicos e coerentes se acham mais bem sintonizados com o nível primário da realidade, com condições de captar a ordem implícita que permeia todo o universo.

Então fica evidenciada a necessidade do reconhecimento de algum tipo de fundamento implícito, ou unificador, subjacente aos dados explícitos e que dariam sentido aos dados reais da ciência. Parece que o meio de atingir tal princípio primário seria através de estados alterados de consciência, semelhantes aos atingidos na meditação e nas filosofias orientais.

Portanto, o paradigma holístico vem apresentar novos pontos e aspectos à visão cartesiana-newtoniana de mundo, necessária até um determinado nível da realidade, mas não deve ser considerada como a única maneira adequada de apreendê-la.

O avanço da ciência aponta para uma nova ordem da realidade, com ênfase no subjetivo. Coube à própria física, considerada a base de todas as ciências, objetiva por excelência, desmaterializar o mundo e, de certo modo, subjetivá-lo, reconhecendo e demonstrando a interdependência e correlação dos conceitos mente e matéria. A física do século XX foi gradativamente desvelando um universo vivo, dinâmico, interligado, sistêmico, holístico.

Abordagem Centrada na Pessoa: Uma Visão Holística da Realidade

"A realidade como a temos conhecido - o mundo da matéria, do tempo, do espaço - não existe mais de nenhuma forma fundamental. Estamos frente a uma realidade misteriosa de energias oscilantes que operam de formas bizarras. É uma realidade de uma interconexão, quase mística, uma relação em que participa cada entidade, tanto animada como inanimada".

Carl Rogers

A Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers nos anos 80, já apontava para a inadequação de alguns conceitos utilizados para descrever a realidade e sugeria a necessidade da formulação de uma hipótese mais ampla, de modo a englobar a capacidade humana de transcendência, com direções novas e mais espirituais na evolução do homem. Tal Abordagem reconhece que " a busca por uma unidade natural do Universo foi infrutífera. Ela não existe, toda a nossa percepção da realidade se desvaneceu em irrealdade..."⁹.

Em vez de uma unidade material geradora da natureza, enfatiza a visão de processo em termos de probabilidades, ao reconhecer, nos indivíduos, vastos recursos para a autocompreensão e modificação de seus autoconceitos e comportamentos, desde que certas condições facilitadoras estejam presentes. Além disso, reconhece uma fonte central de energia no organismo humano e a considera como função de um sistema, conceituando-a como "... uma tendência a plenitude, a autorealização, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do sistema"¹⁰.

A perspectiva rogeriana propõe possibilidades de sistemas abertos, onde se torna necessário assumir uma nova orientação paradigmática, que derruba o conceito de ciência linear, e privilegia um contexto em que causa e efeito são reciprocamente interatuantes. Percebemos, na sua proposta, uma tendência em recolher provas fornecidas pela teoria e prática moderna, para fundamentar sua preocupação diante da necessidade de se repensarem as bases estímulo e resposta, causa e efeito, nas quais repousa a maior parte das ciências sociais.

Essa preocupação de Rogers fica explícita na constatação onde afirma "...tudo isso se opõe frontalmente à epistemologia corrente das ciências sociais (prova-velmente superada) segundo a qual uma causa é seguida de um efeito em uma só direção"¹¹. Fica evidente que o pensamento de Rogers já se orientava na superação da epistemologia cartesiana, dirigindo-se para uma visão holística, reconhecendo a necessidade de um encontro entre ciência e consciência.

Um aspecto importante na nova perspectiva é a ampliação do conceito de tendência atualizante para o conceito de tendência formativa, que indica uma tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade interrelacionada visível a nível orgânico e inorgânico. Tal conceito inclui os fenômenos de entropia e sintropia, caracterizando um processo claro de uma tendência em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade interrelacionada, e que gera uma visão mais complexa e global e deixa evidente a existência de uma ordem manifesta e crescente na evolução.

Essa tendência potencializa toda a complexidade da capacidade do organismo, bem como reconhece a sintonização com uma tendência criativa poderosa, que deu origem ao Universo.

A Tendência Formativa enfoca a capacidade para a mudança súbita e criativa no sentido de estados novos e mais complexos, evidenciando um potencial inimaginado na pessoa em cuja vida a única coisa constante é o processo de mudança. A função formativa delinea um novo desempenho para a consciência humana, que aponta para um desenvolvimento mais pleno com a possibilidade de novas direções para o homem.

Inicialmente, Rogers ressalta a importância da consciência de si, como objetivo das práticas psicoterapêuticas, considerando que a autoconsciência levaria a uma escolha mais consciente, mais em sintonia com o fluxo evolutivo organísmico, que se caracteriza por ser não verbal, envolvendo emoções e reações fisiológicas advindas do interior do organismo. Posteriormente, afirma que as pessoas podem ultrapassar o nível comum de consciência, atingindo estados alterados, podendo, então, entrar em contato com o fluxo da evolução mais geral e aprender seu significado.

Rogers indica que "Este contato é vivenciado como um movimento que se aproxima de uma experiência transcendente da Unidade. É como se o eu se desenvolvesse numa região de valores superiores, especialmente de beleza, harmonia e amor. A pessoa sente como se ela e o cosmo fossem um só"¹².

Ele aplica essa nova função da consciência à área terapêutica, reconhecendo que mesmo não tendo ainda sido empiricamente estudada, é percebida e evidenciada nos grupos de encontro e na relação terapêutica, e favorece a capacidade de cura, gerando uma energia e um crescimento profundo.

Dessa forma, o aspecto interpessoal, característico da fase experiencial da Abordagem Centrada na Pessoa, seria ampliado para a concepção de um espaço bem mais amplo em que ocorreria uma interconexão, onde fica evidente a sintonia entre Terapeuta e Cliente, não palpável e não atingido pelas vias sensoriais e racionais de conhecimento.

Rogers afirma que "tenho a certeza de que nossas experiências terapêuticas e grupais, lidam com o transcendente, o indescritível, o espiritual"¹³. Consideramos que a Teoria rogeriana caminhou para uma perspectiva holística da realidade, quando, a partir de uma teoria que preconizava inicialmente a técnica, passa a priorizar a relação interpessoal no processo de mudança. Posteriormente, expande a dimensão desta relação, ao reconhecer a existência de

uma interconexão intuitiva entre terapeuta e cliente, e sugerir um padrão de frequência implícito, não reconhecido pelas vias perceptuais de conhecimento.

O processo terapêutico, considerado dentro desta visão holística, supõe que, gradativamente, podemos atingir uma conexão com a essência interna, que nos colocaria em sintonia com a energia do Universo, já que não somos um fragmento isolado do mundo. Somos parte do todo, da energia do Universo, e, como um holograma, representamos o todo.

O desenvolvimento do pensamento rogeriano, de certa forma, assemelha-se às possibilidades de desenvolvimento da pessoa humana, que, ao vivenciar um ambiente seguro na relação terapêutica, vai rompendo com as organizações mais básicas, necessárias em um determinado nível para a nossa sobrevivência, atingindo novas organizações que expressam novos padrões de ordem, coerência e complexidade. Tal processo culminaria com a compreensão de nossa interligação com a energia do Universo, atingindo a nossa capacidade de nos transcendermos, e gerando novas direções no nosso processo evolutivo.

Toda essa visão, essencialmente holística está contida na hipótese para o futuro, da Abordagem Centrada na Pessoa, formulada por Rogers e que transcrevemos a seguir:

"Defendo a hipótese de que existe uma tendência direcional formativa no Universo, que pode ser rastreada e observada no espaço estelar, nos cristais, nos microorganismos, na vida orgânica mais complexa e nos seres humanos. Trata-se de uma tendência evolutiva para uma maior ordem, uma maior complexidade, uma maior inter-relação. Na espécie humana, essa tendência se expressa quando o indivíduo progride de seu início unicelular para um funcionamento orgânico complexo, para um modo de conhecer e de sentir abaixo do nível da consciência, para um conhecimento consciente do organismo e do mundo externo, para uma consciência transcendente da harmonia e da unidade do sistema cósmico, no qual se inclui a espécie humana"¹⁴.

Conclusão

O paradigma holístico apresenta um mundo em que a realidade como a temos conhecido desapareceu e apresenta uma realidade onde o conhecimento desenvolvido pela ciência moderna nada mais é do que parte de um todo maior, dando ênfase a uma ordem subjetiva da realidade. Este paradigma, representado pelo modelo holográfico, por alguns cientistas, apresenta uma teoria integral que

seria capaz de apreender toda a vida em estado puro, da ciência ao espírito.

Verificamos que Rogers evoluiu bastante na sua maneira de perceber a realidade e constatamos que sua obra reflete lucidez, abertura e receptividade para as novas descobertas da ciência, tendo apresentado gradativamente uma visão holística, que culmina com a visão evolutiva da consciência e com o reconhecimento da dimensão transcendental e de unidade da pessoa com o universo.

O modelo holográfico ajuda a perceber e a conectar fenômenos clínicos sempre considerados importantes, mas que eram atribuídos à arte na psicoterapia, na qual se evidenciam mudanças significativas quando o terapeuta se acha em ressonância com algo que o cliente já conhece em algum nível. Nesses momentos, ocorre uma expansão de percepção e de consciência, constituindo-se, de acordo com Rogers, em um momento privilegiado para a mudança em psicoterapia. Portanto fica claro que o processo de organização na psicoterapia é possível através de uma conexão ativa entre o cliente e o psicoterapeuta.

Constatamos pontos importantes na Abordagem Centrada na Pessoa dos anos 80, que se direcionam e convergem para conceitos holísticos, principalmente quando reconhece um fundamento implícito, unificador, transcendental, subjacente aos dados explícitos, formulados e apresentados a partir da concepção da tendência formativa, como a hipótese básica, para uma psicologia humanista centrada na pessoa.

Notas

¹CAPRA, Fritijof. *O Tao da Física* (São Paulo: Editora Cultrix, 1987).

²ROGERS, Carl et al. *Quando Fala o Coração: a Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa* (Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987).

³WILBER, Ken et al. *O Paradigma Holográfico* (São Paulo: Editora Cultrix, 1991).

⁴CAPRA, Fritijof. *O Ponto de Mutação* (São Paulo: Editora Cultrix, 1986).

⁵ROGERS, Carl et al. *Em Busca da Vida: Da Terapia Centrada no Cliente à*

Abordagem Centrada na Pessoa (São Paulo: Summus Editorial, 1983).

⁶CAPRA, Fritjof. *Sabedoria Incomum* (São Paulo: Editora Cultrix, 1988).

⁷WILBER, Ken. *Ibid.*

⁸*Ibid.*

⁹ROGERS, Carl. *Um Jeito de Ser* (São Paulo; E.P.U., 1980).

¹⁰*Ibid.*

¹¹*Ibid.*

¹²ROGERS, Carl et al. *Em Busca da Vida...* *Ibid.*

¹³*Ibid.*

¹⁴*Ibid.*

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto é psicóloga, psicoterapeuta, professora e supervisora de estágio na Unicap. Ela graduou-se em Psicologia pela Unicap, em 1971, e pós-graduou-se em Psicologia Clínica pela UFPE. Este trabalho foi apresentado no VI Encontro do Enfoque Centrado na Pessoa, na Bolívia, em março de 1992.